



**A POTÊNCIA TESTEMUNHAL DO CORPO DE NEY  
MATOGROSSO E AS CORPORALIDADES QUEER EM  
NARRATIVAS BIOGRÁFICAS**

**THE TESTIMONIAL POTENCY OF NEY MATOGROSSO'S BODY  
AND QUEER CORPORALITIES IN BIOGRAPHICAL  
NARRATIVES**

*Carlos Augusto Pereira dos Santos Júnior<sup>1</sup>*  
Universidade Federal Fluminense (UFF) RJ

**Resumo**

Este artigo intenta analisar os efeitos da representação midiática dos corpos queer, com foco na escrita biográfica sobre Ney Matogrosso (Maria, 2021). Questionam-se os significados e tensões envolvidos nesse processo, destacando a predominância de padrões de sexualidade na mídia, que marginalizam corpos dissidentes e reforçam invisibilidades. Embasado nos estudos de Veiga da Silva (2019) e Moraes (2019), utiliza-se como método a análise narrativa (Resende, 2012), e operadores de testemunhos midiáticos (Seligmann-Silva, 2008; Frosh, 2014; Peres, 2017) e da teoria queer (Butler, 2017, 2023; Louro, 2008; Lauretis, 1991). Os resultados revelam que a biografia de Ney permanece atada a binarismos e ao jornalismo tradicional, evidenciando a necessidade de abordagens mais inclusivas e reflexivas.

**Palavras-chave**

Biografias jornalísticas; Narrativas; Testemunho; Sexualidade; Teoria Queer.

**Abstract**

This article seeks to analyze the effects of media representation of queer bodies, with a focus on the biographical writing about Ney Matogrosso (Maria, 2021). It interrogates the meanings and tensions inherent in this process, emphasizing the predominance of sexuality norms in the media that marginalize dissident bodies and reinforce invisibility. Grounded in the studies of Veiga da Silva (2019) and Moraes (2019), the methodology employed is narrative analysis (Resende, 2012), along with the application of media testimony operators (Seligmann-Silva, 2008; Frosh, 2014; Peres, 2017) and queer theory

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo PPGCOM. Atualmente, é assessor de comunicação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Graduado em Jornalismo, Mestre em Comunicação no programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFOP). E-Mail: [augustojunior@id.uff.br](mailto:augustojunior@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2592-4037>.



(Butler, 2017, 2023; Louro, 2008; Lauretis, 1991). The findings reveal that Ney's biography remains tethered to binarisms and traditional journalism, underscoring the need for more inclusive and reflective approaches.

**Keyword**

Journalistic biographies; Narratives; Testimony; Sexuality; Queer Theory.

## 1. INTRODUÇÃO

Em meio às escolhas jornalísticas que favorecem corpos em conformidade com a cisheteronormatividade em suas narrativas, desde o jornalismo de referência diário até as produções de longa elaboração, surgem questionamentos que nos levam a refletir sobre a potência testemunhal dos corpos *queer* em narrativas biográficas. Tais vezes, essa questão se torna subversiva, uma vez que desestabiliza o modo como a mídia conceitua e perpetua, ao longo dos séculos, sua noção de normalidade e marginalidade (Connell, 1995, Traquina 2001; Medina, 2003), especialmente quando se trata de corpos que desafiam categorias sexuais estabelecidos socialmente.

Nesta perspectiva, ao expandir os horizontes dos modos convencionais de narrar histórias de vida, a pauta jornalística na escrita biográfica seria capaz de transcender os limites do jornalismo de referência. Para Fabiana Moraes (2022), é cada vez mais urgente a necessidade de questionar a ideia de que a reportagem é o ápice do jornalismo, relegando às notícias do cotidiano a um papel menos importante. A autora (2022) argumenta que são justamente as notícias diárias que afetam o sujeito de forma mais constante, ao configurar seus imaginários, discursos e conhecimentos. A pauta, neste caso, que confere forma ao conteúdo jornalístico, deveria ser encarada, segundo a autora (2022), como uma "arma de combate", capaz de confrontar a desumanização perpetuada pela mídia. Em outras palavras, a questão que surge desse contexto vem de um espaço estimado pelo jornalismo de referência (Zamin, 2014), vinculado à ideia de objetividade, e, quase sempre, avesso às subjetividades que advenham do jornalista, da fonte ou do próprio texto jornalístico (Veiga da Silva, Moraes, 2019).



A partir dessas reflexões, surge a questão central desse artigo: nas circunstâncias em que os corpos *queer* são incorporados às narrativas midiáticas, utilizando o corpo como um *locus* testemunhal, quais os possíveis significados enunciativos e de tensionamento que tais corpos podem conferir à escrita jornalística, especialmente quando ocupam um espaço tão privilegiado como no foco central de uma biografia? Vale destacar que neste artigo o livro é entendido como um dispositivo não somente de memórias e testemunhal. Trata-se de um dispositivo midiático (Agamben, 2005) – uma das mais antigas tecnologias que ainda hoje (re)existe, passados tantos séculos.

Nesta investigação sobre dispositivos da mídia, parece-nos igualmente relevante, enquanto objetivo de reflexão, questionar onde se encontra o espaço privilegiado reservado para esses corpos em narrativas jornalísticas. Ao contrário da exposição frequente da violência e da marginalização, há uma lacuna notável no reconhecimento e valorização das experiências *queer* em contextos midiáticos diversos, incluindo aqui biografias, revistas de moda, filmes e matérias de caráter mais positivo, quando se trata, por exemplo, de conquistas, representatividade no mercado de trabalho, no sistema educacional, no próprio meio jornalístico, no esporte e, sobretudo, nas artes.

Nesse sentido, este artigo busca investigar a potência testemunhal do corpo performático de Ney Matogrosso e sua contribuição para a visibilidade de corpos *queer* em narrativas biográficas produzidas pelo jornalista Julio Maria. Para além disso, a biografia revela descobertas sobre a influência de Ney Matogrosso, cujo corpo desafiava os padrões da cisheteronormatividade tanto na televisão quanto na mídia em geral. Com seus rebolados, posições provocantes no palco e transições estéticas entre o humano e o animal, suas extravagâncias na ornamentação e nos figurinos, que iam desde saias até maquiagens ousadas, a música brasileira testemunhou a *performance* artística de Ney quebrando barreiras. Em 1973, ele ultrapassou Roberto Carlos, um cantor mais alinhado com as expectativas da sociedade em relação a um homem branco, rico, e cujas músicas versavam predominantemente sobre amor e paixão heterossexual, especialmente direcionadas às mulheres. Até então, Roberto Carlos era reconhecido nacionalmente como o cantor com o maior número de discos vendidos. Porém, contrariando o esperado



pelo mercado da época, o álbum "Secos&Molhados" surpreendeu ao superar as expectativas de venda e esgotar as mil cópias em apenas duas semanas.

Durante a pandemia de covid-19, especificamente em 2021, o jornalista Julio Maria lançou uma biografia jornalística sobre o artista, que vai além do cenário público para adentrar o âmbito privado e as intrincadas nuances de suas intimidades. Maria (2021) dedicou mais de cinco anos de pesquisa imersiva na vida de Ney, visitou desde seus locais de origem até os bastidores de sua carreira artística e revelou detalhes marcantes da adolescência do cantor - período mais conturbado de sua vida, marcada pela homofobia do pai e pela atmosfera hostil da sociedade mato-grossense do século XX.

Julio Maria é um homem hétero, branco, que faz parte de uma elite de formadores de opinião. Nascido em São Paulo em 1973, é repórter e crítico musical e atuou durante 15 anos no jornal *O Estado de S. Paulo*. A princípio, o que mais chama atenção na biografia é a escolha do jornalista em retratar Ney Matogrosso, um personagem que ultrapassa as ideias de senso comum sobre sexualidade e corporalidade. O cantor, apesar de sua importância artística e política, é uma figura que desafia as normas sexuais convencionais. Inclusive, foi durante muitos anos frequentemente marginalizado pela mídia de referência. Esta tende a estigmatizar aqueles que não se enquadram nos padrões estabelecidos de masculinidade e cisheteronormatividade.

## 2. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Nesse sentido, o percurso metodológico proposto por este trabalho atravessa, primordialmente, a análise narrativa (Resende, 2012), os conceitos de testemunho midiático (Seligmann-Silva, 2008; Frosh, 2014; Peres, 2017) e da teoria queer (Butler, 2017; Louro, 2008; Lauretis, 1991), visando compreender a relação discursiva desse corpo *queer* na produção biográfica. O objeto principal da análise será a biografia de Ney Matogrosso e determinados fragmentos narrativos sobre o corpo na biografia em questão. De modo algum, a ideia é limitar ou reduzir a reflexão nessas páginas que se seguem. Mas abrir um novo olhar e incentivar estudos de biografismo jornalístico no Brasil, para além do jornalismo de referência.



Para tal, é imprescindível a adoção de um protocolo metodológico capaz de nos dar pistas acerca da interação do testemunho com a representação do corpo biografado e midiático em biografias. Além de fundamentarmos nossa abordagem na Análise de Narrativa (Resende, 2012), o protocolo analítico utiliza-se de três operadores delineados por Frosh e Pinchevski (2009), cujo argumento sugere que o testemunho se manifesta midiaticamente "na, pela e através da mídia".

Conforme Maia e Barretos (2022, p. 76) explicam, os três operadores analíticos indicados pelos autores (2009) referem-se à discussão sobre o "aparecimento de testemunhas em reportagens da mídia, a possibilidade de a mídia testemunhar e o posicionamento do público da mídia como testemunhas dos eventos narrados".

No entanto, neste artigo, optamos por abdicar do segundo e terceiro operador "através da mídia", uma vez que não se trata de uma investigação sobre a audiência, mas sim sobre o testemunho do corpo na biografia e o testemunho voltado para a mídia, neste caso, o próprio jornalista que participa dessa dinâmica de compartilhamento do relato do Outro, como também argumenta Seligmann (2008), ao enfatizar que o testemunho inexistente sem a disposição de ouvir e o desejo de compartilhar a carga dessa testemunha.

Isto é, quando o jornalista assume o papel de portador do testemunho, ele adota uma postura ativa e comprometida com a dinâmica do testemunho (Peres, 2018). Por isso, optamos por continuar com apenas um dos operadores do testemunho "na mídia", considerando-os como eixos operativos e adaptando-os para compreender o corpo *queer* nessa representação midiática.

### **3. O CORPO QUEER E O TESTEMUNHO “NA MÍDIA”**

Nos últimos anos, o Brasil, assim como outros países do ocidente e oriente, tem sido palco de intensos debates públicos e midiáticos sobre questões de gênero e sexualidade, especialmente voltados para a comunidade LGBTQIAP+. Esse cenário reflete não apenas uma crescente conscientização, mas também uma demanda ampliada por representações mais diversificadas e inclusivas na mídia (Moraes, 2022). No entanto, é importante reconhecer que, em meio à repressão e aos retrocessos em políticas públicas,



bem como ao aumento dos discursos de ódio, especialmente durante o governo Bolsonaro, surgiram novos desafios e ameaças às identidades dissidentes no Brasil, sobretudo na mídia. Conforme observado por Santos (2017), o governo Bolsonaro e sua retórica cotidiana de hostilidade, em relação às identidades dissidentes das normas religiosas e sociais sobre sexualidade, representaram um período em que a incitação ao ódio se tornou uma estratégia tanto política quanto midiática.

Diante dessa realidade, ao considerar como os discursos afetam e moldam as estruturas sociais, a obra "A Ordem do Discurso" de Michel Foucault (1996) oferece insumos teóricos sobre a força dos discursos. O autor (1996) destaca a capacidade dos atos discursivos não apenas de solidificar ideologias, mas de gerar efeitos tangíveis na sociedade. Além disso, Foucault (1996) também adverte que os discursos podem se tornar perigosos ao promover interesses particulares e aprofundar divisões sociais.

Isso ocorre, principalmente, tais discursos são utilizados para marginalizar e discriminar certos grupos e suas experiências. Explorando o contexto histórico brasileiro, à luz do que é postulado por Foucault (1998), pode ser evidenciado que as opressões direcionadas a determinadas corporalidades ultrapassam os limites dos discursos e alcançam esferas políticas, econômicas e, no caso particular deste trabalho, midiáticas.

À vista disso, uma das maneiras de desestruturar ideologias sexistas e cisheteronormativas é por meio de uma abordagem que valorize e reconheça as múltiplas possibilidades de sexualidade. Nesse contexto, a mídia, imersa em um ambiente permeado por preconceitos e pela invisibilidade de certas corporalidades, exerce uma influência significativa na produção de biografias jornalísticas, refletindo visões heterossexistas e cisgêneras de mundo. A teoria queer, ressaltada por Gonçalves (2015), desafia as normas convencionais de gênero e sexualidade. Judith Butler (2017), uma figura proeminente nos estudos queer, questiona, por exemplo, os padrões de heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade, ao desafiar a concepção tradicional de "sexo".

Ao explorar como o corpo queer na mídia desafia as narrativas dominantes, contribuindo para uma visão mais inclusiva da identidade sexual e de gênero, as origens da teoria queer estão ligadas à segunda onda feminista, ao movimento negro nos EUA e



ao estigma contra homossexuais durante a epidemia de aids. A teoria também resulta da fusão dos estudos culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, ao desconstruir conceitos clássicos de sujeito e identidade (Miskolci, 2007; 2012). O termo "queer", originalmente uma ofensa, é, então, ressignificado por aqueles que o recebem, perturbando a complacência dos estudos gays e lésbicos. Teresa de Lauretis (1991) defendeu seu uso para criticar o projeto de teorizar o prazer e desejo sexual.

#### 4. "EU NUNCA FUI TRAVESTI"

Em entrevista ao programa "The Noite"<sup>2</sup>, apresentado por Danilo Gentilli, Ney foi confrontado com questões sobre as violências que enfrentou durante a ditadura militar. No Brasil e por parte da mídia devido à sua sexualidade. Em resposta, Ney declarou enfaticamente: "Eu nunca fui travesti.". O artista descreveu ainda como foi tratado pela mídia durante o período de perseguição política: "O Jornal do Brasil passou dois anos sem publicar meu nome, alegando que não publicavam nomes de travestis. Nunca tive a intenção de ocupar o lugar das mulheres, nunca quis ser travesti". Durante a entrevista no SBT, Ney compartilhou que o editor do jornal afirmou abertamente que não gostava dele e se recusou a publicar seu nome.

Este episódio é apenas um dos exemplos do preconceito enfrentado pelo artista na mídia e uma experiência da qual ele ainda se lembrava. No entanto, com o lançamento de sua biografia pelo jornalista Julio Maria, Ney Matogrosso teve acesso a uma série de momentos em que também foi alvo da mídia, percebendo um desconhecimento sobre os discursos de ódio dirigidos a ele naquela época. Um dos momentos que mais entristeceram Ney Matogrosso e o levaram a interromper a leitura da biografia foi quando teve acesso às falas de Chacrinha, que apesar de saber que se tratava de um dos seus detratores, nunca teve conhecimento do conteúdo desses discursos. Conforme revelado na biografia (2021), o apresentador referia-se a Ney como "viado", "ser reboativo", "um

---

<sup>2</sup> A entrevista pode ser acessada na íntegra no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OlkG-fTRLgg&t=997s>. Acesso em: 02 fev. 2024.



bichânico". No entanto, os ataques não se limitavam aos bastidores. Chacrinha utilizava a mídia impressa para propagar ódio contra o corpo e a existência de Ney no mundo:

Chacrinha pedia aos militares que cuidassem de Ney com a devida intolerância dos tempos. Para ele, o artista “deveria ser proibido pela censura e pelo juizado de menores” porque era “rebolativo, erótico e muito do bichânico”. Enfim, um ser “mais comprometedor [e] mais erótico do que qualquer travesti” (Maria, 2021, p. 179).

Ney era, como explicado por Julio Maria, no lançamento da biografia pela editora "Companhia das Letras"<sup>3</sup>, um indivíduo incompreendido por várias pessoas de sua época, incluindo seu pai e seus irmãos, e por um tempo, até por si mesmo. Além disso, na mídia, era visto como um corpo indesejado, como evidenciado pela carta escrita pelo advogado Alcides Barbosa da Cunha<sup>4</sup>, na qual expressava a intenção de matar Ney Matogrosso.

Esse acontecimento não apenas aponta para a repressão sistemática da época, mas também destaca a violência específica enfrentada por artistas que desafiavam as normas estabelecidas, tanto sexuais quanto estéticas, como Ney enquanto um corpo *queer*. De acordo com Peres (2017), o relato de si que é transmitido ao Outro com o aparato da mídia (Frosh, 2014) faz parte do processo testemunhal, que muitas vezes e quase sempre é marcado pelo trauma. É um testemunho compartilhado que aborda não só a própria experiência, mas também é permeado por diversos outros atos testemunhais que podem informar a quem está testemunhando sobre sua própria existência no mundo.

Nessa ótica, Frosh e Pinchevski (2014) argumentam que esse testemunho se manifesta "na mídia". Por meio da construção da narrativa jornalística, por exemplo, esse testemunho é direcionado, moldado e apresentado à audiência que o jornalista busca alcançar. Contudo, quando esse testemunho, ou seu relato, é ignorado, ocorre uma falha no processo de empatia e escuta em relação ao Outro (Barretos, 2017). Por isso, a habilidade de escutar o testemunho atravessa um processo tão doloroso e requer uma escuta mais atenta aos rastros e, como aponta Moraes (2022), ao sujeito que é

<sup>3</sup> A entrevista pode ser encontrada na íntegra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r6iVfZQWJlA&t=1120s>. Acesso em: 15 fev. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/ney-matogrosso-se-tornou-icone-da-homossexualidade-rejeitando-carregar-bandeiras.shtml>. Acesso em: 13 mar. 2024.



invisibilizado, estigmatizado, e àqueles que são vítimas de diversas formas de vulnerabilização (Butler, 2017).

Ao incorporar o corpo de Ney Matogrosso como elemento central de sua narrativa biográfica, o jornalista faz escolhas que se destacam na leitura e análise do livro. Logo no primeiro capítulo, o jornalista retrata o nascimento de Ney em uma região de fronteira do Brasil, em Bela Vista, no Mato Grosso. Desde tenra idade, Ney desafia as expectativas de masculinidade que as famílias da época, e até mesmo nos dias atuais, tentam impor aos corpos infantis. Butler (2017) caracteriza isso como uma imposição social de masculinidade e uma compulsão à heterossexualidade, que se inicia desde o nascimento e é reforçada em instituições como a escola, a igreja e, neste caso específico, pela própria família, configurando uma espécie de pedagogia do corpo (Louro, 2008).

A mídia, por óbvio, não opera de maneira muito diferente. No caso específico da biografia em análise, apesar de o biógrafo compartilhar as violências sofridas por Ney, como quando foi desnudado por seu pai aos cinco anos em frente à casa para que as pessoas o vissem e zombassem dele, a narrativa ainda tende a enquadrar o corpo de Ney em uma dualidade sexual entre homem e mulher.

Apesar de sua estética andrógina, que é reconhecida hoje, o modo narrativo também o retrata como uma criança "diferente" que, na vida adulta, se relacionou tanto com homens quanto com mulheres, sugerindo assim uma bissexualidade que, embora implícita no texto biográfico, é destacada em duas passagens específicas da biografia. A passagem em que Ney faz uma confissão a um padre na infância trata-se de uma delas:

Passado algum tempo, na preparação para a primeira comunhão, Ney foi ao confessorário purificar-se do que poderia carregar de pecado naquele corpo tão pequeno e ouviu o padre perguntar: "Você já fez saliência com meninas?". "Não", disse ele, entendendo por saliência a coisa proibida dos adultos. "E com os meninos?" Na volta para casa, Ney não conseguia parar de pensar como seria, afinal, fazer saliências com meninos (Maria, 2021, p. 31).

Essa passagem revela como a narrativa biográfica de Ney Matogrosso ainda se encontra presa a uma visão binária e simplificada da sexualidade. Ao enfatizar a



dicotomia entre meninos e meninas, o texto reproduz uma concepção limitada e estereotipada das identidades de gênero. Além disso, ao descrever a infância de Ney como marcada por uma suposta "diferença", a biografia corre o risco de reforçar estigmas e preconceitos associados à diversidade sexual. Seria mais produtivo para a narrativa biográfica explorar a complexidade e fluidez das experiências de Ney, reconhecendo e celebrando sua individualidade e autenticidade, sem reduzi-lo a rótulos ou categorias pré-determinadas. Essa abordagem mais inclusiva e respeitosa permitiria uma compreensão mais profunda da trajetória de Ney Matogrosso como artista e ser humano.

Em uma segunda passagem do texto biográfico, o biógrafo relata uma relação sexual entre Ney e sua prima, com o intuito de explicitar seu interesse por meninos e meninas que marcou sua adolescência, sobretudo em uma época em que Ney ainda estava se descobrindo. Nesse trecho, uma frase chama atenção, quando diz que a relação com a prima retirou Ney da infância e o conduziu “de muitas formas *ao mundo dos homens*”:

A prima estabeleceu com Ney uma rotina para as transas secretas. Protegidos pela ingenuidade da família, que não via maldade no garoto calado demais para a lascívia, os dois deitavam-se na mesma cama, cobrindo-se com mantas mesmo em noites de calor para cobrirem-se de corpos logo depois, assim que as luzes se apagassem e os adultos fossem dormir. Ney ia para o quarto primeiro e fingia pegar no sono até a moça chegar, sempre bem-disposta. Seu sangue fervia antes mesmo que ele viesse lhe ensinar posições de prazer a cada noite, retirando-o da infância e conduzindo-o de muitas formas *ao mundo dos homens* (Maria, 2021, p. 41, grifo nosso).

O trecho acima oferece uma variedade de interpretações, das quais destacamos dois significados possíveis. Em primeiro lugar, sugere-se que o encontro entre Ney e sua prima, uma mulher, representou uma ruptura com a inocência da infância, introduzindo o cantor a um mundo de prazeres sexuais e fantasias. No entanto, uma segunda interpretação, potencialmente mais relevante, é que o corpo de Ney Matogrosso é



enquadrado dentro de uma normatividade sexual específica – implicitamente entendendo Ney como um homem bissexual devido ao seu envolvimento com uma mulher.

Embora o termo "bissexual" não seja explicitamente mencionado no texto, sugere-se que essa relação o transformou em algo “diferente”, em um aspecto de sua sexualidade. Isso implica e sugere ao leitor que Ney não é apenas alguém que se relaciona com homens, mas também capaz de expressar sua masculinidade de acordo com os padrões heteronormativos quando está com uma mulher na cama. Essa perspectiva inclui até mesmo a atribuição de uma expressão corrente na sociedade sobre essa masculinidade: "o mundo dos homens", um espaço nitidamente exclusivo. E onde há exclusividade, inevitavelmente existem aqueles que são excluídos desse mundo.

Ney Matogrosso nunca se conformou com padrões ou categorias sexuais predefinidas. Frequentemente questionado sobre sua sexualidade, o artista já expressou o desejo de simplesmente ser ele mesmo, sugerindo que sua identidade sexual transcende esses padrões e categorias. Isso nos leva a uma compreensão mais próxima do que entendemos como corporalidades *queer* - um corpo que reivindica todas as possibilidades de existência sexual, estética e performática, enquanto simultaneamente rejeita as normas e regras que tentam enquadrar suas vivências em categorias sexuais específicas.

No entanto, isso não significa que as bandeiras não sejam importantes. Há aqueles que não se identificam com as convenções estabelecidas pela comunidade LGBTQIAP+ e, com frequência, isso leva a conflitos internos, pois a própria comunidade pode agir com preconceito em relação a indivíduos que não se enquadram em rótulos específicos, como gays, bissexuais, lésbicas, demissexuais, transsexuais, pansexuais, e tantas outras orientações e identidades de gênero. Ney, como corpo *queer*, por ser todas as letras da bandeira, mas sem se prender a nenhuma delas.

Quando o corpo de Ney é abordado como principal em uma biografia, ele pode ser percebido como um corpo *queer* que desafia definições sobre suas formas de existir. Em um sentido mais amplo, é um testemunho *queer* que incorpora em si mesmo os discursos que a sociedade emite contra sua própria existência. Esse testemunho, como observado por Peres (2017) transcenderia significados convencionais, exigindo abordagens renovadas na escrita e na narrativa. Além disso, funcionaria como um espaço



testemunhal que contribui para a representatividade. Embora muitas dessas experiências possam permanecer fora do alcance da mídia, quando o testemunho se manifesta nesse meio, ele ocupa um espaço de influência, desafiando os padrões do jornalismo, do discurso e das ideias contrárias à liberdade de expressão de gênero e orientação sexual. É um testemunho que afirma a própria identidade em vez de permitir que outros a definam. Um corpo que declara: "Nunca fui uma travesti. Eu sou a bandeira".

Segundo Julio Maria, em entrevista à “Companhia das Letras”, o processo de escrever sobre Ney teve um impacto significativo em sua vida como jornalista. Inicialmente, isso se manifestou em uma maior compreensão de seus próprios filhos. A relação estabelecida com o cantor e a escrita narrativa o levou a agir com mais empatia, inclusive ao lidar com um filho que expressou o desejo de sair de casa, algo que Ney também fez em busca de autodescoberta e aceitação, ao romper as amarras psicológicas que o ligavam a um pai que, em sua mente, sempre o rejeitou. Curiosamente, Julio Maria revela na entrevista, em determinado momento, ele ficou mais interessado na história do pai de Ney do que na vida do próprio artista. O biógrafo ainda compartilha que descobrir mais sobre o pai de Ney poderia oferecer novas perspectivas sobre o cantor. Em um dado momento, enquanto jornalista, ele até se sentiu à vontade para sugerir que o pai de Ney o amava, baseando-se em conversas com diversas pessoas que o conheciam. Essas revelações destacam o poder de afetação do testemunho midiático.

Ao mesmo tempo em que surge uma abordagem mais empática, o corpo *queer* como testemunho midiático parece demandar outras questões, incluindo a necessidade de um texto menos padronizado e mais receptivo às multiplicidades de existência. Ele exige do biógrafo uma escrita que seja, até certo ponto, performática e afetiva. Nessa perspectiva, entender o corpo como um agente performático abre possibilidades para desafiar estruturas de poder em relação à performance corporal no contexto midiático.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, uma biografia que adote essa abordagem não apenas evita simplificações reducionistas, mas também reconhece a complexidade e fluidez das



identidades individuais, possibilitando uma representação mais autêntica e inclusiva da vida do biografado, como é o caso de Ney Matogrosso. Traquina (2001) destaca em seu estudo sobre o jornalismo do século XX que a mídia tradicional, ao longo do último século, frequentemente evitou abordar questões que desafiavam os valores e tradições das classes dominantes, muitas das quais se identificavam com preceitos cristãos, normas heteronormativas e ideais masculinistas.

Esse cenário foi agravado pela constante reprodução de um discurso hegemônico que marginalizava outras perspectivas, especialmente quando os meios de comunicação tradicionais estavam sob controle de profissionais enraizados em uma cultura elitista.

O silenciamento e a ausência de representação nas mídias tradicionais contribuíram para a perpetuação de estigmas e preconceitos direcionados à comunidade LGBTQIAP+. Fabiana Moraes e Márcia Veiga da Silva (2019) destacam que o jornalismo diário muitas vezes falha em lidar com realidades complexas que estão em constante debate público. No contexto brasileiro, as desigualdades sociais são profundamente influenciadas por questões de raça, gênero e classe, que marginalizam amplas parcelas da população com base em sistemas de classificação e hierarquização de diferenças enraizadas na cultura e nos sistemas simbólicos, nos quais a linguagem desempenha um papel central.

As autoras argumentam que o jornalismo opera dentro das estruturas de poder-saber, reproduzindo os valores dominantes através de uma racionalidade excludente (Moraes, Veiga da Silva, 2019, p. 12). Elas também observam que, apesar de há muito tempo questionados, conceitos como imparcialidade e objetividade ainda são frequentemente invocados na prática profissional do jornalismo. De todo modo, portanto, mais do que refletir sobre os objetivos deste trabalho, espera-se que ele inspire outros escritos acadêmicos e trabalhos que abordem outras corporalidades nos meios midiáticos, incluindo o biográfico, onde as questões de gênero ainda carecem de inclusão e debate.

## 6. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo? Outra travessia**, n. 5, p. 9-16, 2005.



BARRETOS, Dayane C. **Experimentar encontros e compartilhar sentidos: a escrita de si e do outro nas narrativas de jornalistas brasileiras**. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.

BUTLER, Judith. Vulnerabilidad corporal, coaliciones y política de la calle. **Nómadas**, Colômbia, n. 46, p. 13-29, abril/2017.

CONNEL, Raewyn W (1995). **Masculinities**. Cambridge: Polity Press.

FOUCAULT, M. **A História da Loucura na Idade Clássica** (1961). 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

FROSH, Peter. **Telling presences: witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers**. In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A. Media witnessing: testimony in the age of mass communication. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 49-72.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. Performance: um fenômeno de arte-corpo-comunicação. **Logos**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 76-95, jan. 2015. ISSN 1982-2391. Disponível em: <[https://www.e\\_publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14676](https://www.e_publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14676)>. Acesso em: 23 jan. 2023.

MAIA, Marta. R.; BARRETOS, Dayane. do C. A potência mediadora do testemunho na configuração dos relatos jornalísticos sobre a violência contra mulheres na série Um vírus e duas guerras. **Sur le Journalisme**, v. 11, n. 2, 2022. Disponível em: <<https://revue.surlejournalisme.com/slj/article/view/491>>. Acesso em: 01 mar. 2023.

MAIA, Marta. R.; FERNANDES, Elias. A transparência no processo de produção das biografias Lula e Marighella. **Esferas**, n. 25, p. 160–180, 17 nov. 2022.

MARIA, Julio. **Ney Matogrosso: a biografia**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Márcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **Anais do XXVIII Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, Porto Alegre, 2019.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**, Porto Alegre, 2022.

MEDINA, Cremilda. **A arte de Tecer o Presente, Narrativa e Cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.



MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

NETO, Lira. **A arte da biografia: como escrever histórias de vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

PERES, Ana. C. **O que resta dos fatos: testemunho e guinada afetiva no jornalismo**. Tese — Universidade Federal Fluminense: Niterói. 2016, p. 182. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/16601>>. Acesso: 20 mai. 2023.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRECIADO, PAUL B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**, São Paulo: N 1, Edições, 2004.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. Títulos originais: Thinking Sex e The Traffic in Women São Paulo: Ubu Editora, 2017.

REILY, S. A. A música e a prática da memória - uma abordagem etnomusicológica. **Música e Cultura**, v. 9, p. 1, 2014. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod\\_resource/content/1/A\\_musica\\_e\\_a\\_pratica\\_da\\_memoria\\_Reily.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4576280/mod_resource/content/1/A_musica_e_a_pratica_da_memoria_Reily.pdf)> Acesso em: 28 dez. 2022.

RESENDE, Fernando; PERES, Ana C. Nós, as testemunhas: notas sobre um jornalismo de teor testemunhal. **Dispositiva**, v. 5, n. 2, p. 121-137, 17 ago. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/p.2237-9967.2016v5n2p121-137>. Acesso em: 8 jul. 2023.

RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: GISLENE, Silva et al (Org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Salvador, 2012.

RESENDE, Fernando. Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe. **Revista Contracampo**, 85-102, 2005. 76, 2005. FA Resende. Annablume/FAPESP, 2002.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014.

Recebido em: 03/10/2024

Publicado em 28/12/2024